

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO E OS SEUS IMPACTOS NA VELHICE DOS TRABALHADORES

Maria Goretti de Almeida Pontes¹

Ana Cristina Pereira da Costa²

Resumo: No atual contexto neoliberal, vivenciamos o estágio mais avançado do modo de produção capitalista, que se caracteriza principalmente pelo aumento da precarização das condições de trabalho e enxugamento dos investimentos do Estado em políticas sociais. Concomitante a esse processo, observa-se uma significativa transição demográfica, com o aumento de idosos demandando ações específicas por parte do Estado para garantir condições mínimas de sobrevivência para essa população. Com isso, esta pesquisa teve como objetivo analisar as mudanças ocorridas no mundo do trabalho e os seus impactos para o trabalhador que envelhece inserido nesse contexto, para isso, realizou-se pesquisa bibliográfica. Concluiu-se que muitos idosos permanecem exercendo atividade laboral, geralmente no setor informal. O trabalho, além de garantir uma renda suficiente para suprir as suas necessidades, também contribui para dar sentido à vida em uma sociedade na qual a produção assume uma centralidade na vida das pessoas.

Palavras-Chave: Velhice. Trabalho. Neoliberalismo.

1. Introdução

A categoria trabalho, em sua função primária, caracteriza-se pela satisfação das necessidades dos homens através de um processo entre estes e a natureza. Contudo, no modo de produção capitalista, o trabalho passa a satisfazer as necessidades do capital, assumindo um caráter estranho ao trabalhador que o realiza.

Atualmente vivenciamos o estágio mais avançado desse modo de produção, que está sempre reinventando estratégias para a superação de suas crises e expansão do seu

¹ Assistente Social, especialista em envelhecimento pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e discente do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: almeida-mg@hotmail.com

² Assistente Social, especialista em saúde mental pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e discente do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social da UECE. Email: anafortal13@gmail.com

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



domínio. Para além de novas formas de exploração do trabalhador, através da crescente precarização das relações de trabalho, o capital entranha-se em todas as esferas da vida humana, através da criação de necessidades artificiais que buscam somente a produção de mais-valia.

Nesse contexto, o trabalhador passa a dedicar toda a sua trajetória de vida à produção, à um trabalho abstrato que ao invés de lhe satisfazer e afirmar enquanto um sujeito social, individualiza, aliena da humanidade e tem a sua produção apropriada por outro.

Ao envelhecer e ter a sua força de trabalho desvalorizada, a vida desse trabalhador passa a ser marcada pela exclusão social e pela pobreza. Além disso, há uma perda de sentido na vida, pois não se possibilita a criação de identidades ou o reconhecimento de atividades satisfatórias fora da esfera do trabalho.

Diante do processo de envelhecimento populacional observado em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, decorrente dos avanços tecnológicos, aumentam as demandas para que o Estado, através de políticas sociais, assegure que essa população tenha condições de vida dignas ao sair da esfera da produção.

Entretanto, o que se percebe é uma maior precarização das relações trabalhistas ao mesmo tempo em que há um desmonte das políticas sociais. Com isso, este estudo pretende analisar as transformações que ocorreram no mundo do trabalho e os impactos dessas para o trabalhador que envelhece no contexto neoliberal.

2. Desenvolvimento

O trabalho, enquanto categoria fundante do ser social, caracteriza-se pelo processo que ocorre entre o homem e a natureza. Entretanto, para a realização do trabalho, o homem precisa ter conhecimentos e habilidades sobre o qual vai agir, e estas habilidades são adquiridas por meio das relações sociais.

Segundo Marx (1983) apud Lessa (2007),

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

ISSN: 2446-8126

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)



Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (...) [Diferente do que ocorre no mundo animal] o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente. (...) (p. 149-150).

Assim, pela sua capacidade teleológica, ou seja, por meio da consciência, o homem questiona seus carecimentos e as possibilidades de satisfazê-los, desta forma é designado como um ser que dá respostas. Toda atividade realizada pelo homem que trabalha é uma resposta ao carecimento material que ele possui e isso põe em movimento o complexo do trabalho.

O trabalho é considerado a categoria fundante do ser social devido a sua tendência à generalização, ou seja, a história do ser social, segundo Lukács, vai se transformando na medida em que pequenos grupos vão se articulando em formações sociais cada vez mais complexas. Dado o caráter mundial dessa generalização hoje, a existência concreta de cada indivíduo está associada à trajetória de toda a humanidade (LESSA, 2007).

Porém, na forma de produção dominante ocorre uma inversão da função primária do trabalho, que consiste na satisfação das necessidades do homem. De acordo com Antunes (2001), as mediações de primeira ordem têm como finalidade a preservação das funções vitais da reprodução e societal, contudo, no modo de produção capitalista, essas mediações estão subordinadas às mediações de segunda ordem, que transformam todas as funções reprodutivas sociais buscando a expansão do capital.

No modo de produção capitalista, o trabalho produtivo assume características específicas que surgem à medida em que a força de trabalho se transforma em mercadoria, dando origem às alienações que passam a permear a relação entre o trabalhador e o seu trabalho.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Na medida em que o processo de trabalho é puramente individual, o mesmo trabalhador reúne todas as funções que mais tarde se separam. Na apropriação individual de objetos naturais para seus fins de vida, ele controla a si mesmo. Mais tarde, ele será controlado. (...) Como no sistema natural cabeça e mão estão interligados, o processo de trabalho une o trabalho intelectual com o trabalho manual. (Marx apud Lessa, 2007, p. 148).

Ou seja, o trabalhador que antes tinha o controle e era responsável por todo o processo do trabalho, passa a se especializar em apenas uma etapa desse processo, compondo um trabalho coletivo e, com a separação entre trabalho manual e intelectual, este trabalhador passa a ter a sua ação controlada.

O conceito de trabalho produtivo passa a fazer referência a toda ação que produza mais-valia, independentemente de estar relacionada a transformação direta da natureza ou não, diferenciando-se, assim, do trabalho enquanto categoria fundante do ser social. (LESSA, 2007).

Desta forma, o processo de trabalho é destituído da sua função básica, de suprir as necessidades do trabalhador. Segundo Marx e Engels (1989),

O objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um ser alheio, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, se fez coisa, é a objetivação do trabalho. A realização efetiva do trabalho é a sua objetivação. No estado econômico-político esta realização efetiva do trabalho aparece como desefetivação do trabalhador, a objetivação como perda e servidão do objeto, a apropriação como alienação, como exteriorização. (p. 149)

Essa desapropriação e o estranhamento do trabalhador com aquilo que ele produziu é o fenômeno denominado por Marx de alienação. A alienação consiste em uma objetivação/exteriorização negativa e é algo puramente social, fruto da desigualdade existente entre os homens. O trabalhador não se identifica e nem tem acesso ao que ele próprio produziu, de forma que o trabalho e o próprio trabalhador se tornam apenas uma mercadoria.

O homem, ser social, aliena-se da própria humanidade enquanto ser genérico, tornando-se um sujeito egoísta que tem as suas necessidades e os sentidos puramente humanos substituídos pelo sentido do *ter*, que se materializa no dinheiro. (MESZÁROS, 2007).

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Destarte, surgem diversas expressões da questão social³ que demandam da classe dominante estratégias para manter sob controle a classe trabalhadora. Dentre estas, a velhice do trabalhador, desde a Segunda Revolução Industrial, apresenta-se como um alvo da intervenção estatal, através de políticas sociais, que buscavam atender aqueles que não conseguiam mais garantir a sua sobrevivência através da venda da sua força de trabalho.

Se a velhice, como destino biológico, é uma realidade que transcende a história, não é menos verdade que esse destino é vivido de maneira variável segundo as condições materiais de produção e reprodução social, que imprimem um estatuto social à velhice, ou estatutos diferenciados, conforme as classes, *status* e hierarquias sociais. (Beauvoir apud Teixeira, 2008, p. 30)

Em uma sociedade na qual o trabalhador tem a sua trajetória de vida marcada pela realização de um trabalho abstrato, quando este envelhece a sua força de trabalho passa a ser desvalorizada, perdendo a utilidade diante do capital e ocupando um lugar à margem na sociedade. Entretanto, muitos buscam permanecer exercendo uma atividade laborativa, diante da dificuldade de se manter fora da esfera produtiva.

Esta se torna uma problemática relevante devido ao contexto que vivenciamos. As transformações e os avanços ocorridos em diversos âmbitos da sociedade atual, como a expansão das políticas sociais, maior acesso aos serviços de saúde e os avanços da tecnologia, têm influenciado diretamente no aumento da expectativa de vida da população.

Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), a população idosa foi a que mais cresceu no país. No período de 2012 a 2016, a população com 60 anos ou mais passou de 12,8% para 14,4%, apresentando um aumento de 16%, passando de 25,5 milhões para 29,6 milhões.

³ Utiliza-se aqui a definição de Questão Social como “um conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade”. Iamamoto (1998, p.27)

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Esses valores contrastam com o que foi percebido em relação às crianças de 0 a 9 anos. Nesse mesmo período, houve uma queda dessa população que passou de 14,1% para 12,9%, apresentando uma redução de 4,7%. O mesmo ocorreu com a proporção de jovens, cuja população passou de 27,3% para 24,1% (PNADC, 2017).

Essa população envelhecida está inserida em um contexto de maior precarização das relações trabalhistas. A Síntese dos Indicadores Sociais (2017), citando dados da PNAD contínua sobre o mercado de trabalho, aponta que nos anos de 2012 a 2014, houve um aumento do emprego formal, diminuição da taxa de desocupação e aumento da renda do trabalho, entretanto, nos últimos dois anos, observou-se uma inversão desses dados.

Além do aumento da desocupação, os resultados revelaram também que a crise no biênio final trouxe condições menos favoráveis mesmo para os que se mantiveram ocupados. Não somente houve interrupção do crescimento dos empregos com vínculo formal de trabalho, o que vinha ocorrendo desde 2012; como sua reversão para o menor nível da série em 2016, quando atingiu a participação de 49,8%. Já o aumento do peso das ocupações de trabalhadores por conta própria registrou crescimento de 22,9% para 24,7% no período. A parcela de empregados sem carteira de trabalho assinada decresceu até 2015, mas aumentou em 2016, quando atingiu 18,5% do total das ocupações. (p. 14)

Observa-se que o aumento da informalidade tem contribuído para a diminuição do desemprego, entretanto, aumenta a quantidade de trabalhadores submetidos a condições de trabalho geralmente mais precárias, com maior carga horária e sem proteção estatal.

Alves (2015), em um artigo que aborda a reconfiguração da classe proletária diante das mudanças ocorridas no mundo do trabalho e da transição demográfica, denomina de *gerontariado* os proletários idosos, com mais de 60 anos, aposentados ou pensionistas, que mantêm condições de trabalho e de vida precarizados. “A presença crescente da velhice proletária ativa no mundo do capital é expressão de um novo modo de precariedade do trabalho que deve surgir na *era do envelhecimento* no século XXI” (Alves, 2017).

A dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal, coloca a informalidade como uma alternativa para a maioria dos idosos. De acordo com a Organização

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Internacional do Trabalho (OIT), o fato do idoso ter mais experiência na área de trabalho, na maioria dos casos não é levado em consideração por grande parte dos empregadores, que acabam por vê-los como profissionais mais lentos, devido às limitações do próprio processo de envelhecimento, e mais caros, já que recebem salários mais altos. Assim, há uma maior chance de inserção no mercado informal (Jornal Nacional, 2017).

Citando dados do IBGE, Martello (2017) ressalta que a população economicamente ativa com mais de 65 anos representava apenas 0,3% dos 48 milhões dos trabalhadores formais em 2015. Dentre as mudanças ocorridas com essa parcela da população entre os anos de 2005 e 2015, o IBGE (2016) aponta que,

Diminuiu a proporção de idosos ocupados que recebiam aposentadoria, de 62,7% para 53,8%, e aumentou a participação de pessoas com 60 a 64 anos entre os idosos ocupados, de 47,6% para 52,3%. É possível relacionar tais fatos com alterações legislativas nas regras dos regimes previdenciários na direção de postergar a concessão de aposentadoria. Contudo, o nível de ocupação dos idosos não aumentou no mesmo período. Ao contrário, em 2005, esse nível de ocupação era de 30,2%, nos anos seguintes oscilou entre 31,0% e 27,1% e chegou a 26,3% em 2015. (p. 53).

Além de buscar garantir a sua subsistência, o trabalho também é uma forma de se inserir em uma sociedade na qual há a valorização daqueles que produzem. Através da centralidade da produção e do consumo na vida das pessoas, constrói-se a identidade do indivíduo, fazendo com que a saída do mercado de trabalho represente uma perda desta identidade.

Em sua análise, Alves (2017) aborda ainda essa contradição que se coloca na sociedade capitalista,

Na etapa de desenvolvimento civilizatório mais avançado, quando se verifica o alto grau de produtividade do trabalho, o tempo de vida reduz-se efetivamente a tempo de trabalho – não apenas tempo de trabalho no sentido de jornada laboral, mas tempo de trabalho no sentido de tempo de existência humana reduzida à atividade alienada/estranhada – isto é, o trabalho como meio de vida. Muitas vezes, proletários idosos subsumidos à laboralidade alienada, não conseguem após a aposentadoria dedicar-se efetivamente à uma vida plena de sentida, tendo em vista que não foram educados – ou formados – para tal. Buscam no trabalho estranhado não apenas um meio de vida, mas um modo perverso de dar sentido à vida alienada. (p. 6)

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Nesse sentido, o capital se apropria da vida humana para a sua reprodução de modo que o trabalhador não consegue se perceber enquanto ser humano dotado de valores, necessidades e interesses para além da esfera produtiva.

Outra questão que se coloca é a necessidade cada vez maior da intervenção estatal à medida em que aumenta o envelhecimento populacional. Políticas sociais como as de saúde e previdência, tornam-se essenciais para garantir uma velhice com um mínimo de condições adequadas para a sobrevivência desse trabalhador.

Entretanto, o que tem ocorrido com o avanço do neoliberalismo é o desmonte de políticas sociais garantidas constitucionalmente. Um exemplo disso nos últimos anos, mais evidentemente após o golpe de Estado ocorrido com o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, foi a proposta da Reforma Trabalhista que altera a Consolidação das Leis Trabalhistas, diminuindo a proteção estatal garantida ao trabalhador.

Vende-se um discurso de maior liberdade para o trabalhador, ao passo em que este, diante do aumento constante do desemprego, vê-se obrigado a se submeter a condições precárias de trabalho, como o cumprimento de carga horária mais elevada, ao mesmo tempo em que a sua proteção social garantida pelas legislações trabalhistas sofre ataques severos.

Soma-se a isso a aprovação da PEC 241/2016, conhecida como a PEC do teto, que congela os gastos com a saúde e a educação públicas por 20 anos, destinando o dinheiro a ser investido nesses serviços para o pagamento da dívida pública. Tal medida responsabiliza e afeta diretamente o trabalhador que utiliza esses serviços.

As mudanças ocorridas no contexto neoliberal levam ao limite a exploração do trabalhador buscando garantir a expansão do capital. E comprova que, diante das crises cíclicas inerentes a esse modo de produção, o trabalhador sempre pagará a conta, tendo os seus direitos protetivos, e a sua própria vida, afetados.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Em uma sociedade em constante processo de envelhecimento, deve-se debater sobre como será a velhice que se está construindo nesse cenário de aumento da alienação do trabalhador com crescente precarização das relações trabalhistas e deslegitimação de direitos.

3. Conclusão

Diante das transformações observadas no mundo do trabalho atual, sob a hegemonia das políticas neoliberais, ampliam-se as estratégias do capital para aumentar o seu domínio, usurpando cada vez mais o tempo de vida do trabalhador e os direitos garantidos constitucionalmente.

A Reforma Trabalhista constitui o principal exemplo atual dessa ofensiva neoliberal. Uma das suas justificativas é a de que irá facilitar as contratações e o acordo direto entre trabalhador e empregador, entretanto, o que se tem registrado em pesquisas é a diminuição da oferta de empregos formais e aumento da terceirização e informalização do mercado de trabalho.

Difunde-se a falácia de que essas mudanças buscam uma melhoria para a classe trabalhadora, contudo, sabe-se que os que mais lucram com o desmonte de políticas e a ausência do Estado mediando essas relações são as grandes empresas. Com isso, o que se anuncia é uma velhice marcada pela permanência em uma relação de trabalho precarizada mediante a ausência de políticas que assegurem os mínimos para a sobrevivência desses trabalhadores.

Faz-se urgente a mobilização da sociedade na busca pela efetivação e ampliação dos direitos sociais e a necessidade de superação dessa ordem societal na qual os trabalhadores têm toda a sua vida perpassada pelos interesses de ampliação do capital.

4. Referências

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
 desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
 (Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



ALVES, Giovani. **Prometeu envelhecido:** proletariedade e velhice no século XXI. *Blog da Boitempo*, 19 de janeiro de 2015. Disponível em <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/01/19/prometeu-envelhecido-proletariedade-e-velhice-no-seculo-xxi/>> acesso 01 julho 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6ª ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

FALEIROS, V. P. Cidadania: os idosos e a garantia de seus direitos. IN: NERI, A. L. (org.) **Idosos no Brasil:** vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

IAMAMOTO, M. V. **A questão social no capitalismo.** Revista *Temporalis* – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Ano 2. Nº 3 (jan/jul.2001). Brasília: ABEPSS, Grafile, 2001.

LESSA, S. **Para Compreender a Ontologia de Lukács.** Ijuí – RS: Ed. Unijui, 2007.

_____. **Trabalho e Proletariado no capitalismo contemporâneo.** São Paulo, Cortez, 2007.

Martello, A. **Trabalhadores com mais de 65 anos ocupam menos de 1% das vagas formais.** G1, p. 1. Acesso em 28 de 06 de 2018, disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/trabalhadores-com-mais-de-65-anos-ocupam-menos-de-1-das-vagas-formais.ghtml>. 2017

MARX, K; ENGELS, F. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. In: FERNANDES, Florestan (org.). **História.** 3 edição, São Paulo: Ed. Ática, 1989. P. 146-164.

Nacional, J. **Idosos enfrentam o desafio de se manter no mercado de trabalho.** *Jornal Nacional*, p. 1. Acesso em 28 de 06 de 2018, disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/01/idosos-enfrentam-o-desafio-de-se-manter-no-mercado-de-trabalho.html>. 2017

PACHECO, J. L. Trabalho e aposentadoria. In: GOLDMAN, S. N. et al (org.). **Tempo de envelhecer:** percursos e dimensões psicossociais. 2 ed. Holambra, SP: Editora Setembro, 2006.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital:** implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.